



LEITURAS DA CIDADE CONTEMPORÂNEA: CAMINHADAS, HISTÓRIA E MEMÓRIA NA PRODUÇÃO DE SENTIDO

Rosanny Moraes de Moraes Teixeira¹

READINGS OF THE CONTEMPORARY CITY: WALKS, HISTORY AND MEMORY IN THE PRODUCTION OF SENSE

LECTURAS DE LA CIUDAD CONTEMPORÁNEA: PASEOS, HISTORIA Y MEMORIA EN LA PRODUCCIÓN DE SENTIDO

¹ Professora Adjunta do Colegiado da Licenciatura em Artes Visuais do Campus de Curitiba II – FAP/UNESPAR. Doutora e Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV-CEART/UDESC. CV: <http://lattes.cnpq.br/3889613701782245> ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7816-7378>

RESUMO

O presente artigo aborda modos de leitura da visualidade urbana, tendo como ponto de partida as caminhadas pela cidade e as relações perceptivas e afetivas, que constroem o imaginário, ancorado na história e na memória dos lugares. Este tema é um recorte da pesquisa de doutorado da proponente, e tem como objetivo entender a produção de sentido no sujeito urbano a partir de suas interações visuais, sensoriais, sinestésicas com a urbe. A pesquisa é de abordagem qualitativa cujo objetivo é exploratório, com desenvolvimento teórico e de campo, por meio de caminhadas e registros fotográficos. A partir do enfoque em três pontos da cidade de Curitiba, capital do Paraná, intenta-se provocar no leitor reflexões sobre modos diversos de ler e interagir com o potencial sensível de toda e qualquer cidade, em suas múltiplas possibilidades de leituras. Na região central enfatiza-se a leitura visual de um local tombado pelo Patrimônio Histórico, e na região de bairros, focaliza-se o apagamento da memória pela ruína e destruição patrimonial. Halbwachs (1990), Le Goff (1998) e Argan (1993), orientam questões da memória e da história dos lugares, assim como Freire (1997), Peixoto (1998) e Canton (2011) dialogam com as relações de afeto e do imaginário urbano. Essas concepções se articulam com alguns conceitos da sociosemiótica, especificamente Landowski (2005) e Oliveira (2014), os quais fundamentam as interações e relações estéticas na produção de sentido no sujeito da cidade. O texto visa oferecer subsídios para leituras sensíveis que resgatem histórias e memórias urbanas na construção de repertórios pessoais.

Palavras-chave: Leitura visual. Cidade contemporânea. Produção de sentido. História e memória dos lugares.

ABSTRACT

This article addresses ways of reading urban visuality, taking walks around the city and the perceptual and affective relationships as a starting point, which build the imaginary, anchored in the history and memory of places. This theme is an excerpt from the proponent's doctoral research, and aims to understand the production of meaning in the urban subject based on their visual, sensorial and kinesthetic interactions with the city. The research has a qualitative approach whose objective is exploratory. In addition to theoretical and documentary research, walks and photographic records were carried out in the field. From a focus on three points in the city of Curitiba, capital of Paraná, the aim is to induce in the reader reflections on different ways of reading and interacting with the sensitive potential of any and all cities, in their multiple reading possibilities. In the central region, the visual reading of a place listed as a Historical Heritage site is emphasized, and in the neighborhood region, the focus is on the erasure of memory through the ruin and destruction of heritage sites. Halbwachs (1990), Le Goff (1998) and Argan (1993), guide questions of memory and the history of places, just as Freire (1997), Peixoto (1998) and Canton (2011) dialogue with relationships of affection and urban imaginary. These conceptions are articulated with some concepts of sociosemiotics, specifically Landowski (2005) and Oliveira (2014), which base the interactions and aesthetic relations in the production of meaning in the subject of the city. The text aims to offer support for sensitive readings that rescue urban stories and memories in the construction of personal repertoires.

Key Words: Visual reading. Contemporary city. Production of meaning. History and memory of places.

RESUMEN

Este artículo aborda modos de lectura de la visualidad urbana, los paseos por la ciudad y las relaciones perceptuales y afectivas como punto de partida, que construyen el imaginario, anclado en la historia y la memoria de los lugares. Este tema es un extracto de la investigación doctoral del proponente y tiene como objetivo comprender la producción de significado en el sujeto urbano a partir de sus interacciones visuales, sensoriales y kinestésicas con la ciudad. La investigación tiene un enfoque cualitativo cuyo objetivo es exploratorio. Además de las investigaciones teóricas y documentales, se realizaron caminatas y registros fotográficos en campo. A partir de un enfoque en tres puntos de la ciudad de Curitiba, capital de Paraná, se busca provocar en el lector reflexiones sobre diferentes formas de leer e interactuar con el potencial sensible de todas y cada una de las ciudades, en sus múltiples posibilidades de lectura. En la región central se enfatiza la lectura visual de un lugar catalogado como Patrimonio Histórico, y en la región vecina, el foco está en la borradura de la memoria a través de la ruina y destrucción de sitios patrimoniales. Halbwachs (1990), Le Goff (1998) y Argan (1993), orientan cuestiones sobre la memoria y la historia de los lugares, así como Freire (1997), Peixoto (1998) y Canton (2011) dialogan con las relaciones de afecto y el imaginario urbano. . Estas concepciones se articulan con algunos conceptos de la sociosemiótica, específicamente Landowski (2005) y Oliveira (2014), que basan las interacciones y relaciones estéticas en la producción de significado en el sujeto de la ciudad. El texto pretende ofrecer apoyo a lecturas sensibles que rescaten historias y memorias urbanas en la construcción de repertorios personales.

Palabras clave: Lectura visual. Ciudad contemporánea. Producción de significado. Historia y memoria de lugares.

Introdução: caminhadas e paisagens da cidade

A narrativa de caminhadas é uma experiência de reconhecimento da característica fragmentária da cidade. Lê-la e vivenciá-la são modos de construir sentido, considerando que a contemporaneidade abraça memórias, histórias e novos impactos sensoriais, estéticos e estésicos. A impossibilidade de esgotar quaisquer temas urbanos, exige do caminhante escolhas, para gerar a própria narrativa. As abordagens apresentadas têm a memória como um desencadeador, uma vez que faz emergir componentes individuais, que se mesclam aos sociais. E o imaginário, conseqüentemente, só pode ser cultivado a partir dessa memória, combinada às sensações, afetos e percepções, valorizados ou resgatados a cada nova experiência, a cada interação.

Para Landowski (2005), as interações são estudadas dinamicamente nas situações sociais, culturais, e outras, possibilitando analisar práticas sociais e mudanças culturais. O sentido, segundo o autor (2005, p. 1), pode ser concebido como uma forma “indefinidamente em via de construção”, como uma “espécie de cintilação apreensível somente *no ato e em situação*, no desenrolar do próprio processo que o faz aparecer” (grifos do autor).

Abordar a cidade é um exercício de buscar sentido no que se apresenta inicialmente, sobreposição de tempos, produção descontínua, localizada em estratos sociais, culturais, econômicos e outros. Qualquer que seja essa possibilidade, será sempre um fragmento, a escolha parcial de um todo impossível de reter.

Este texto compõe parte de um dos capítulos da tese da autora², e traz para este contexto a cidade multifocal, contendo frações de memórias, geografias, sensações, percepções, imaginários, afetos, que reunidos

2 Este artigo é composto por 74 % de semelhança com o texto da tese da mesma autora, cuja referência é indicada ao final.

e combinados, geram múltiplas paisagens. Os temas apresentados têm como objetivo contribuir metodologicamente para a construção da autonomia de cada sujeito-leitor-actante em suas interações com a cidade.

Para Oliveira (2014, p. 4), cidade e população “são sujeitos parceiros do próprio mecanismo operatório da construção de sentido”. Pelo viés da sociossemiótica, Landowski (2005) e Oliveira (2014) ponderam que o estudo das experiências sensíveis e das interações, são *locus* da construção de sentido e de conhecimento. Outro aspecto a considerar é a condição estética, que nasce com as caminhadas e presenças corporais na cidade.

Landowski (2005, p. 17), baseado em Merleau-Ponty, afirma que há uma dimensão a ser considerada nos fenômenos da significação, que é a “estesia”. De acordo com este conceito, “o mundo se apresenta como uma totalidade que faz sentido: é de nosso próprio estar-no-mundo que nasce imediatamente a possibilidade de que exista sentido para nós, no plano vivido”. Para o autor (2005), o contato direto é estésico.

Ao considerar as paisagens urbanas em sua condição de fragmentos perceptivos, sensoriais, memoriais, imaginários, proponho a narrativa por meio de exercícios de leituras e conversas com imagens que falam de si. Minha orientação são as possibilidades de provocação nesses diálogos, entendendo-os como provisórios, inacabados, em devires.

Centro, periferia e labirintos na cidade contemporânea

A região central da cidade – historicamente marcada como início do processo de crescimento urbano – constrói uma disposição radial para as regiões periféricas, como se do ponto primordial fossem geradas forças nas direções cardeais, para novos encontros e percepções. O caminhante se dispõe a trazer para dentro de si, um modo de ver, de ler a cidade e

seus tantos segmentos, alimentando seu repertório imagético, por meio do qual todo o corpo é convidado a estar presente, sentir e criar novas paisagens urbanas.

Clarice Lispector apresenta a questão: “onde estaria o centro de um subúrbio? [...] Quanto mais uma pessoa penetrasse no centro menos saberia como é uma cidade”. A poeta convida a perder-se na cidade, já que ela pode ser labiríntica, caleidoscópica, ou mesmo absurda para a escala humana. Como delimitar seu centro, sem que se percam territórios percebidos e sentidos?

Le Goff (1998, p. 153) nos ensina que estudar as relações entre o centro e a periferia e sua evolução histórica é elucidativo, porque “se o centro perde em energia, ganha em prestígio; é que ele permite ver num relance a cidade: sua beleza o resume”. O autor continua, e afirma que “o centro sobrevive e provavelmente sobreviverá por muito tempo pelo recurso ao imaginário”, considerando senão a perda de atrativos pela qual as cidades contemporâneas têm enfrentado ou, a necessidade de renovar sua sedução.

O centro de uma cidade é também o lugar para se perder, porque é do centro que irradiam as ruas, os bairros, as histórias e a continuidade de sua existência no decorrer do tempo. Clarice Lispector conversa com a complexidade de uma cidade quando, inicialmente, poetiza o estar no centro, ou no subúrbio. Mas, a poeta pode desconcertar o leitor da cidade quando propõe a aparência como realidade. De fato, o que se apresenta de uma rua, uma praça, ou outro lugar, é o resultado físico da realidade vivida naquele lugar, e o que podemos elaborar com nosso olhar ou outros sentidos, estará em torno desta circunstância, modificada a cada intervenção.

Deste modo, o tempo presente pode ser também um labirinto que conduz a outros tempos e espaços, ou seja, a natureza labiríntica de uma cidade, neste contexto, está na relação espacial e temporal, já que sua forma se define a partir destas duas dimensões. O labirinto, pressuposto

no espaço, serve de metáfora, ao aplicarmos o conceito ao tempo. O movimento e a transformação são, então, fatores implicados nesta condição, os quais determinarão as características da paisagem urbana.

Castoriadis (1987, p. 7-8), ao discutir o lugar do conhecimento e do imaginário nas práticas sociais, estabelece uma analogia entre a paisagem e o labirinto, a partir dos Mitos da Caverna e do Labirinto de Dédalo³. Afirma que “não nos encontramos mais no mundo da vida, na paisagem estável e em repouso”. E, a partir das encruzilhadas do pensamento, continua:

nada é simplesmente justaposto, o mais próximo é o mais distante, as bifurcações não são sucessivas, são simultâneas e interpenetram-se. A entrada do Labirinto é imediatamente um dos seus centros, ou melhor, não sabemos mais se existe um centro, o que é um centro.

A afinidade dos conceitos do autor com a paisagem da cidade possibilita considerarmos o centro deslocado de sua geometria, ou seja, o centro a partir de um horizonte cambiante, delineado no encontro da memória com o tempo presente. Deste modo, o centro pode estar no movimento entre pontos estratégicos da cidade, que potencializam as camadas de memórias, no processo labiríntico do tempo. Nesta proposição, a paisagem se modifica permanentemente, conforme considera Peixoto (1998, p.10), ao afirmar que “as cidades são as paisagens contemporâneas”, e as analisa como

3 O Mito da Caverna e o Mito de Dédalo, citados por Castoriadis (1987, p. 8), referem-se à mitologia grega, na qual a Caverna é uma metáfora usada por Platão, no diálogo A República, para abordar a condição de ignorância humana frente ao mundo real, ou seja, “as ideias reais que estão por trás dos fenômenos da natureza” (GAARDER, 1995, p.105). E Dédalo, foi o habilidoso arquiteto do Labirinto, na ilha de Creta, construído para que o Minotauro nunca pudesse escapar. (FERREIRA, 2008, p. 9-10).

horizonte saturado de inscrições, depósito em que se acumulam vestígios arqueológicos, antigos monumentos, traços de memória e o imaginário criado pela arte contemporânea. Esse cruzamento entre diferentes espaços e tempos, entre diversos suportes e tipos de imagem, é que constitui a paisagem das cidades (1998, p.10).

A cidade labiríntica, na diversidade de seus centros, é neste contexto, uma sequência anacrônica de cenários espaço-temporais, cujo modo de vida contemporâneo é potencializado pela velocidade. A simultaneidade das bifurcações do labirinto, em Castoriadis, evidencia o olhar que não se prende a um foco. Somos afetados pelos vários sentidos nas relações com a paisagem urbana.

Ao estabelecermos as afinidades espaço-temporais, permeadas pelo afeto, nos deparamos com o relacional como norteador da memória e do processo imaginário na cidade. Encaramos, então, o impasse em lidar com estes conceitos, diante dessa velocidade impressa na vida contemporânea, cujo ritmo, segundo Peixoto (1998), provoca uma “sobreposição de andamentos”.

Tratar a cidade na contemporaneidade é considerá-la na relação entre vários tempos, sob a perspectiva de um estrangeiro, que busca na sombra, sentidos não revelados pela luz, a certa distância, relacionando cada instante do passado consigo mesmo.

Outro aspecto a ser analisado está em Halbwachs (1990), que, ao tratar a memória na cidade, considera a interdependência da memória individual com a coletiva. O autor (1990) alerta para o engano que cometemos ao afirmar serem individuais as próprias lembranças, quando, de fato, essas se constroem a partir de várias influências, e são alimentadas por dados de diversas naturezas, que se mesclam à individualidade.

A partir dessas considerações, entendemos que cada um de nós carrega memórias individuais e coletivas, com intensidades variadas.

Argan (1993, p. 232) afirma que “se nove décimos de nossa existência transcorrem na cidade, a cidade é a fonte de nove décimos das imagens sedimentadas em diversos níveis da nossa memória”. Deste modo, continua o autor (1993, p. 232), “cada um de nós, deixa trabalhar a memória e a imaginação”, além da percepção das mudanças permanentes em cada lugar.

Do centro aos bairros: memórias, histórias e apagamentos

O ato de caminhar na cidade, para Certeau (2014, p. 184) é um “espaço de enunciação”, no qual o imaginário se atualiza no percurso, ativa memórias, sensações e percepções, de acordo com os ritmos do caminhar. As incontáveis narrativas que nascem das caminhadas, e o desafio de ver o não visto, sentir o não sentido são pretextos para novas rotas e combinações de passos em roteiros já conhecidos. A ação de passagem no sentido contrário pelas ruas que são familiares, ou do lado invertido da calçada por onde se caminha costumeiramente, são suficientes para estimular os sentidos a irem adiante dos habituais enquadramentos. Certeau (2014, p. 164), considera que a percepção do espaço seja a própria experiência, estabelecida nele e com ele.

As caminhadas pela ladeira do Largo da Ordem, no Centro Histórico de Curitiba, capital do Paraná, me conduzem a inúmeras memórias, acessadas como se fossem camadas de véus, que o tempo sobrepõe, e organicamente, se misturam aos passos atuais. Os tempos diversos da cidade se mesclam aos meus trajetos. Meu imaginário percorre os cenários dos artistas viajantes do século XIX e suas impressões, registradas em diversas obras gráficas e pictóricas, e as interações com as experiências nas ruas acessam dimensões sensíveis da memória. Para o visitante, o Largo da Ordem é um convite a caminhar e descobrir nos detalhes da arquitetura eclética, camadas de histórias da antiga Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais.

No ponto mais alto do São Francisco, na Praça João Cândido, frente às Ruínas e ao “Belvedere”⁴, meu olhar se direciona ao Palácio São Francisco – figura 1, cuja construção e área de jardins ocupam toda a frente da quadra. Edificação em estilo eclético, do final da década de 1920, foi encomendada pelo fazendeiro paranaense Julio Garmatter, o qual residiu com sua família entre 1929 e 1936. Posteriormente, vendeu a propriedade para o Estado, que a ocupou como sede governamental e em seguida como Tribunal Regional Eleitoral. Restaurado parcialmente e tombado em 1987, pelo Patrimônio Histórico do Paraná (SPHAN/Pró-Memória), o palácio passou a ser sede do Museu de Arte do Paraná. Em 2003, após novas obras de restauro e de ampliação com os anexos, houve sua fusão com o Museu Paranaense. Desde esta data, o palácio é sede do Museu Paranaense - MUPA, cujo acervo arqueológico, histórico, etnográfico, antropológico e artístico é o resultado da fusão de ambos os museus⁵.

A caminhada pelo entorno do palácio e, posteriormente, a visita aos seus espaços internos, compõem uma experiência ímpar de articulação entre a história da cidade e as memórias de uma família, cujas salas no andar superior, preservam móveis, objetos e manequins com trajes da época, simulando cenas cotidianas, conforme as figuras 2 e 3. As janelas de restauro e os vitrais recompõem estes cenários. No entanto, a amplitude dos caminhos que conduzem aos anexos do palácio, impulsiona o olhar para a história distante, favorecendo a imersão no Paraná primitivo, e o

4 As Ruínas do São Francisco do séc. XVIII e o “Belvedere”, edificação de 1915, projetada pelo engenheiro Cândido de Abreu e marcada pelo estilo *Art Nouveau*, compõem um conjunto arquitetônico de grande importância histórica, que é tombado pelo Estado do Paraná desde 1966, conforme Lyra e Souza (1994, p. 52-53).

5 O Museu Paranaense foi fundado em 1876, sendo o primeiro do Estado do Paraná, e o terceiro do Brasil. Os dados históricos apresentados acima foram consultados em Lyra e Souza (1994, p. 49-50), e no site oficial do Museu Paranaense, disponível em: <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/>. Acesso em 19. Fevereiro, 2019.



FIGURA 1.

Fachada principal do Palácio São Francisco, atual Museu Paranaense, São Francisco. Fonte: imagem fotográfica da autora, set. 2018.

imaginário se mistura aos dados arqueológicos, etnográficos e artísticos de tempos remotos, acervados no museu.

Voltar a este local da cidade foi como a experiência de um estrangeiro regressando a uma cidade visitada, o qual recompõe quadros de lembranças e novas percepções. Sobre esta recomposição Halbwachs (1990, p. 25) afirma que

quando retornarmos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro em que muitas partes estavam esquecidas. Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais.

Possivelmente, as adaptações que o autor (1990) comenta, possam sem entendidas como recomposições de um grande mosaico, no qual cada nova experiência com os lugares gera novas construções de sentido. A combinação dessas experiências é matéria prima para a criação, para caminhadas e derivas. A amplitude de ações na cidade requer pensá-la na dimensão de sua complexidade, a fim de que esta seja integrada às próprias ações dos sujeitos.

Ao tratar de locais com maior envolvimento pessoal, a ênfase afetiva é intensificada por lembranças pessoais, familiares, ao passo que em locais públicos, as influências e referências externas são maiores, como é o caso de algumas praças, edifícios históricos, palácios, ou outros monumentos, que se inscrevem na história da cidade, marcando passagens e acontecimentos.

Ao abordar o imaginário da cidade, Freire (1997, p. 55) destaca a importância do aspecto simbólico, presente nos monumentos de uma cidade, pois “testemunham sistemas mentais da época em que foram criados e solicitam, não raro, uma relação não apenas perceptiva, mas



FIGURA 2, 3.

Imagens dos cômodos internos do andar superior do Museu Paranaense, São Francisco. Fonte: imagens fotográficas da autora, set. 2018.

também efabuladora, que mistura os tempos presente e passado, as histórias individuais às coletivas”.

Segundo Freire (1997, p. 56-57), “a cidade mistura os ritmos, as referências da instabilidade e da duração”, favorecendo as narrativas acerca de monumentos e locais de passagem. No entanto, “as particularidades se fazem plenas de sentido, e as lembranças individuais encontram suporte e podem se abrir à imaginação criadora, às fantasias”.

No labirinto temporal da cidade, o monumento requer maior atenção para observação, e, conforme Freire (1997), a relação se dá corporalmente, talvez por meio de uma caminhada, em oposição ao *zapping* do olhar e dos demais sentidos. Para a autora (1997, p. 58),

a relação entre a cidade e o imaginário social envolve outras categorias além do racionalismo que torna a imagem da cidade uma série de traçados objetivos. Como terreno de fantasias, projeções inconscientes e lembranças, a cidade abriga monumentos, que são visíveis ou invisíveis e que se situam além do dado empírico. Podem articular o mundo interior ao exterior, as memórias individuais à memória coletiva, o sonho à vigília.

Freire (1997) convida a caminhar e a relacionar-se com a cidade e suas múltiplas imagens. Sigo seu convite, e neste embrenhado de passos e memórias individuais, emergem as imagens das telhas em estilo germânico, com caimento para o sentido da rua, de onde eu, passante, observava, intrigada com os acontecimentos. A partir desta memória individual, proponho um exercício de narrativa, referente à figura 4.

O que vemos na imagem? Sua antiguidade é evidenciada não apenas pela temática, mas também pela rasura na lateral direita, além da qualidade de resolução da imagem, em preto e branco. Supomos tratar-se de uma região rural, cujo transporte seria feito por charretes, cavalos e similares.



FIGURA 4.

“Parque Inglez”, vista panorâmica frontal e lateral, fotografia 35 mm, P/B, 189(-). Fonte: Imagem fotográfica sob cadastro NG, 3107, disponibilizada pela Casa da Memória/FCC, em 18 jul. 2019.

A cerca em madeira e o estilo da casa nos indica ser uma construção rural, e as muitas janelas sugerem uma residência ampla, a partir da qual deduzimos que, ou de uma família numerosa, ou então, de uma família que recebe visitantes e, possivelmente, os acolhe, ou os hospeda. A influência europeia no telhado e no porte do chalé, indica que os proprietários possam ser imigrantes, comuns no Brasil, nos séculos anteriores. Os grupos de pessoas, posando informalmente, sugerem uma parada rápida de suas atividades para o registro fotográfico, que era um processo lento de captação. A extensão do céu, sem qualquer indicativo de edifício alto, e a vegetação em torno da residência reforçam a ideia de uma região retirada, possivelmente de uma colônia, afastada do centro da cidade. Sem dúvida, o enquadramento da imagem afirma a importância da casa, captando uma de suas vistas laterais e a frontal, e este registro viabiliza as ponderações a seguir.

Ao escavar dados históricos⁶, reportamos aos idos de 1880, na pequena cidade de Curitiba, rodeada de colônias, formadas graças à vinda de imigrantes procedentes de diversas regiões europeias. Nos campos do Bacacheri, a cinco quilômetros da cidade, localizado na colônia Argelina e em frente ao marco de granito do km 6 da Estrada da Graciosa⁷, erguia-se o “Parque Inglês”, propriedade do imigrante escocês Phelippe Tod e sua família.

6 Os dados sobre o “Parque Inglês” foram extraídos dos documentos: ANDRADE; NASCIMENTO; MACEDO, (1979). FENIANOS (1995) Recordações de Curitiba Antiga. Jornal Folha de Londrina. 09/01/1982, p. 20. Disponibilizados para consulta local no Setor de Pesquisa da Casa da Memória da FCC, em jun. 2019.

7 De acordo com Fenianos (2000, p. 17), a Estrada da Graciosa se refere ao caminho que ligava o litoral (Porto de Antonina e depois de Paranaguá), ao planalto de Curitiba. Durante os séculos posteriores à fundação da Vila de N. Sr.^a da Luz do Bom Jesus dos Pinhais, em 29/03/1693, atual Curitiba, esta estrada, que perpassava os campos do Bacacheri e suas colônias, era o acesso para transporte de tração animal e comércio, estimulando o a prestação de serviços e o desenvolvimento da região, com a vinda de diversos imigrantes.

Trata-se de um casarão, com dezoito cômodos em estilo rural inglês, coberto com telhas germânicas com caimento em quatro águas e cercado de varandas. As paredes foram construídas com “estrutura de madeira, e vedações de estuque e de tabuado de mata-junta”. A extensão da área, no entorno da casa, variou ao longo das décadas, pois foi vendida gradativamente pelos herdeiros e reduziu-se a dezesseis metros de frente por cerca de quarenta metros de profundidade.

Os registros relatam que Phelippe Tod e mais quatro amigos ingleses, chegaram a Curitiba em 1866, e adquiriram cem alqueires de terras, na então colônia Argelina, nos campos do Bacacheri. O nome da colônia foi atribuído ao número de imigrantes franceses, procedentes da Argélia, que estavam instalados na região, juntamente com colonos alemães, suecos, suíços e ingleses. Nos anos seguintes, a longa extensão de terras foi dividida, pelo fato de que três dos amigos mudaram seus projetos de vida, permanecendo a parte das terras de Phelippe Tod e Frederico Fowler. Em meados de 1870 o “Parque Inglês” foi construído e se tornou, ao longo das décadas seguintes, além de residência, ponto de referência nos encontros para lazer das famílias inglesas, alemãs, e das famílias tradicionais curitibanas.

Com a construção da Estrada de Ferro ligando Curitiba a Antonina e Paranaguá, inaugurada em 1885, o movimento da Estrada da Graciosa diminuiu, fato que levou o sócio a afastar-se, vendendo sua parte da propriedade. Tod, por sua vez, se desfez também de uma porção de terras, sendo algumas áreas adquiridas pelo Estado do Paraná, para a posterior instalação de dependências militares⁸.

Grande parte das memórias sobre o “Parque Inglês” foi elaborada por Paulo Dietzsch, genro de Phelippe Tod, em entrevistas à equipe de

8 As áreas militares compreendem atualmente o 27º Batalhão Logístico do Exército, da 5ª Divisão do Exército Brasileiro, e o CINDACTA II - Segundo Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo, e suas dependências, inclusive o aeroporto do Bacacheri.

pesquisa da Casa Romário Martins, da Fundação Cultural de Curitiba, em 1979. De acordo os documentos⁹, em 21 de maio de 1979 houve o registro do início do processo de tombamento pelo DPHA do PR, do denominado “Antigo Parque Inglês”, com cerca de 340 m² de construção, localizado na Avenida Prefeito Erasto Gaertner, números 1696 e 1698, cujo terreno media 16 metros de frente e 40 m de lateral. Neste mesmo ano, a equipe de pesquisa da Casa Romário Martins registrou no Boletim nº 41, Ano VI, memórias sobre o Parque, com consulta a arquivos e documentos, e a partir da narrativa de familiares, especialmente de D. Aurora Tod Riva, neta de Phelippe Tod e residente, e de outros herdeiros da casa, além de vizinhos antigos.

Os autos judiciais e as certidões da época indicam desentendimentos na família quanto às questões de partilha de herança e a consequente preservação da casa, parecendo ser uma intenção isolada de D. Aurora. Nas décadas seguintes, outros registros assinalam a degradação do imóvel, e em 1995 ocorreu uma solicitação ao Ministério Público¹⁰ para prestar atendimento à senhora, ainda moradora, já com desmoronamento de telhados e paredes, bem como proceder à recuperação do imóvel. No mesmo ano, o Relatório do IPPUC¹¹ indicou, a partir do laudo técnico com imagens fotográficas, a situação de ruína da casa e as condições incompatíveis para habitação.

9 Cópia do Ofício nº 35/1979 do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Paraná, disponibilizado para consulta local no Setor de Pesquisa da Casa da Memória/FCC, em jul. 2019.

10 Cópia do Termo de Audiência da Procuradoria Geral da Justiça, de 08/02/1995, disponibilizado para consulta local no Setor de Pesquisa da Casa da Memória/FCC, em jul. 2019.

11 Relatório Técnico e Memorando nº 034/95, de 15/02/1995 do Serviço de Patrimônio Histórico do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC, disponibilizado para consulta local no Setor de Pesquisa da Casa da Memória/FCC, em jul. 2019.

Estes foram os últimos registros documentados do “Parque Inglês”, e as memórias de passagem pelo local potencializam minha tristeza ao assistir, ao longo de anos, partes do telhado e das paredes desabarem, abrindo vãos e acumulando escombros no terreno. No final da década de 1990, ao passar pela rua, era visível a pequena edícula na lateral do terreno, que suponho, ter sido construída para abrigar D. Aurora.

Foram alguns imprecisos anos nesta rotina de constatação, do que se tornou inevitável: o fim de um sonho de patrimonialização e o desmoronamento final. A agilidade na limpeza do terreno e a subsequente construção comercial, sepultaram, não apenas a história de uma família e seus descendentes, mas também, e sobretudo, uma parte da história da Curitiba do século XIX, e seus viajantes pelos Caminhos da Graciosa.

O exemplar único de arquitetura rural daquela região desapareceu, e com ele a identidade de seus imigrantes colonizadores. Boa parte das famílias que residem nas proximidades, são provenientes desses imigrantes, e muitos desconhecem a história de seus antecessores.

Peixoto (1998, p. 26) afirma que “os monumentos são como mapas: traçam inexoravelmente o perfil da cidade”, todavia, o desaparecimento de monumentos implica no apagamento dos traços desse mapa, como quem perde o caminho, ou não sabe onde chegar.

Atualmente, ao caminhar pelo local, meu olhar tenta capturar as imagens suspensas no tempo, que foi implacável em sua ação. O maltrato ao patrimônio, seja por divergências familiares, ou pela demora nas instâncias públicas, para a efetividade na preservação de bens históricos, constrói o apagamento e aniquila referências identitárias dos bairros da cidade.

A figura 5, captada em 2019, cujo enquadramento se aproxima da Figura 1, constata esse apagamento. Se, na imagem em preto e branco, datada do final do século XIX, proponho narrar sobre o que é visto, nesta última, a narrativa é sobre o que não se pode mais ver, provocando a falta de sentido, o vazio memorial e histórico com a construção atual.



FIGURA 5.

Edifício comercial construído na área do “Parque Inglês”, vista panorâmica frontal, fotografia, 2019. Fonte: Imagem fotográfica da autora, ago. 2019.

O edifício de dois andares erguido na área que correspondia à fachada do “Parque Inglês”, é claramente disposto para a otimização de espaços comerciais, sem quaisquer características identitárias originais.

Matos (1998, p. 29-34), é contundente ao afirmar como a temporalidade nas sociedades modernas institui “um presente opaco, sem passado ou futuro, plasmado, petrificado”, no qual ocorre a destruição da experiência vivida em prol da lógica do lucro. E, por este fato, “o novo se ergue sobre o que é devastado sem deixar rastros”. No entanto, o registro das lembranças é, possivelmente, um mecanismo de resistência a essa destruição.

Na leitura da figura 6, proponho que o aspecto imaginário, talvez um faz de conta, possa, inicialmente, conduzir o leitor a somar percepções, afetos e memórias, como estratégia para compor novos cenários mentais e ampliar seu repertório imagético.

O que vemos na imagem desta casa, ou, a partir dela? Seu entorno verde arborizado nos convida a parar ou a movimentar-nos lentamente para observar seus detalhes. Alguém mora lá? Que cheiros, sons e texturas sentimos neste movimento? Podemos caminhar por suas varandas, entrar e percorrer seus cômodos? Haverá móveis e objetos dos seus moradores? Que sensações esta casa pode suscitar? Outras tantas questões poderiam desencadear um grande tecido de relações entre o conteúdo da imagem e seus desdobramentos com o leitor.

O imaginário está ancorado nessas relações que estabelecemos com nosso repertório, e a intensidade desses registros é diretamente relacionada à qualidade dessa bagagem. A imagem anterior potencializa a memória, que por sua vez, aciona o imaginário, capaz de responder criativamente às perguntas anteriores e a explorar novos significados.

Conhecida também como a Casa Rosa, esta casa de madeira, construída em 1928, com tábuas de araucária, foi moradia do escultor Erbo Stenzel e sua família. O artista (1911-1980), de acordo com Araújo (1980, p. 69-70) além de escultor, foi professor na Escola Nacional de



FIGURA 6.

Casa Erbo Stenzel, Vistas frontal e lateral, Parque São Lourenço, 1997
Fonte: Imagem fotográfica de Fernando Augusto, em 07/08/1997, sob Cadastro NG, 11399, disponibilizada pela Casa da Memória/FCC, em 18 jul. 2019.

Belas Artes do Rio de Janeiro, e professor na Escola de Música e Belas Artes do Paraná – atual *Campus* de Curitiba I da UNESPAR. Autor de diversas esculturas públicas em Curitiba, tem como obra principal o conjunto escultórico monumental, atualmente localizado na Praça 19 de Dezembro, encomendado pelo Governo do Estado em comemoração ao Centenário da Emancipação Política do Paraná, em 1952.

A Casa Erbo Stenzel se localizava no bairro São Francisco; no entanto, em 1997, os familiares do artista doaram-na à Prefeitura de Curitiba com duas finalidades: torná-la um espaço cultural e museu, além de dar manutenção ao exemplar único de arquitetura em madeira da época. De acordo com os documentos consultados¹², o IPPUC teria a incumbência dessa preservação, com previsão de vistorias técnicas a cada três meses. Deste modo, a casa foi relocada para o Parque São Lourenço, aberta ao público em 1998. A Casa Erbo Stenzel permaneceu aberta à visitação até 2009, e depois foi fechada para reforma, sendo o acervo do artista transferido para o Museu Oscar Niemeyer.

Conforme registrou a Prefeitura¹³, na madrugada de catorze de junho de 2017, a casa foi incendiada, com mais da metade de sua construção destruída. As causas do incêndio eram desconhecidas, e ficou no aguardo de perícia. No entanto, de acordo com as notícias¹⁴, a demolição foi feita na tarde do dia seguinte, autorizada pelo prefeito, alegando laudo técnico de risco de desabamento. A situação gerou polêmica entre a comunidade de moradores, arquitetos e profissionais da área patrimonial e de preservação, uma vez que não houve tempo para consultas e análises técnicas desses setores.

Passar pelo parque atualmente, e defrontar-me com o vazio do terreno onde se localizava a Casa Rosa – figura 7, é um esforço de

12 Dados consultados em: Jornal Gazeta do Povo, Haus – Arquitetura (2017).

13 Dados extraídos do site da Prefeitura Municipal de Curitiba (2017).

14 Dados consultados no site Arch Daily (2017).



FIGURA 7.

Área da Casa Erbo Stenzel no Parque São Lourenço, 2018. Fonte: Imagem fotográfica da autora, out. 2018.

reconhecimento dos limites impostos pelas condições a que os espaços da cidade estão sujeitos. Os impasses entre os interesses públicos e privados, em inúmeros casos, têm como consequência a perda, não apenas do patrimônio físico, mas, também, e conseqüentemente, da experiência subjetiva da memória e do imaginário, a qual, segundo Matos (1998, p. 31) é a força rejuvenescedora contra o “inexorável processo da morte”, ou seja, o esquecimento.

Essa perda acarreta conseqüências de ordem individual e também coletiva, e Halbwachs (1990, p. 33-34), aborda a necessidade de uma comunidade afetiva, afirmando que as memórias individuais são alimentadas pela memória coletiva, e vice-versa; isto é, as memórias resistem se há reciprocidade no seu despertar, do contrário, desaparecem. Peixoto (2004, p. 298), complementa, afirmando que “hoje todo retrato de cidade mostra não o estado dos lugares, mas a rapidez do seu desaparecimento”.

Nos exemplos do “Parque Inglês” e da Casa Erbo Stenzel, o imaginário se restringe ao que está contido na memória, já que o processo de apagamento dissipa a argumentação pela preservação. Já não há o que se preservar, e o que restou são relatos em bibliotecas e reportagens *online*.

Matos (1998, p. 34-35), aponta para uma aliança que temos com a cidade a partir da inquietação sentimental que nos coloca frente ao imaginário, ou seja, “criamos nossos lugares e eles nos pertencem, por desfigurados que estejam”. Nós os evocamos nas ruas, no processo de “aprender a se perder”, como uma criança, ou um forasteiro, que, pelo desconhecimento das regras do lugar, “atribuem um sentido inédito a seus espaços, suas construções e suas vidas”.

A memória é um disparador da imaginação, no qual a dimensão subjetiva e labiríntica, são potencializadoras para a construção de novos sentidos e para os processos de criação. Para Nora (1993, p. 9) “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”. E

continua:

A memória é sempre atual, um elo vivido no eterno presente; [...]. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cena, censura ou projeções.

As assertivas dos autores viabilizam constatar a relação intrínseca entre a memória e o imaginário. E uma das questões apontadas é o processo do “aprender a se perder”, no qual a potência da criação possa ser germinada na, e com a cidade.

Algumas considerações

Convocamos a arte como potência a favor dessa atribuição de sentido e na construção de identidades, resistindo à impermanência de valores estéticos na formação dos sujeitos. Entendemos que os registros de imagens da cidade ocorram pela experiência visual, ao mesmo tempo em que o corpo convoca os demais sentidos, o que nos leva a considerar o teor subjetivo e complexo dessas captações de imagens e seus múltiplos significados.

A vivência imersiva individual nos leva a entender que cada sujeito elabora sua própria perspectiva em relação aos locais, sejam estes públicos ou privados, e que destes se depreendem novas histórias e memórias. Esta construção de repertório impacta diretamente nas práticas da vida urbana, assim como nas experiências culturais e na produção de sentido com a cidade.

O Museu Paranaense – MUPA, abordado no texto, é um exemplo de espaço público, no qual história e memória se encontram, oferecendo, gratuitamente, visitas permanentes e uma série de eventos aos finais de

semana. É um local em que há a oportunidade de coparticipar da história dos povos originários do Paraná, até artistas do Modernismo e algumas produções contemporâneas.

Construir sentido na e com a cidade depende de um processo de envolvimento dos sujeitos, em um entrelaçamento de memórias e histórias pessoais e coletivas, as quais expandem leituras de mundo e modos de ver e de interagir na urbe contemporânea. Esse processo pode ser um potente antídoto contra o apagamento e a ruína.

Os apontamentos anteriores nos requerem a operação de rever o modo como nos relacionamos com os espaços públicos da cidade, uma vez que a arte não pode solucionar problemas de ordem maior e estrutural das cidades. Contudo, a arte tem a força de criar narrativas e visualidades capazes de compor novos mapas e trajetos, convidando pessoas a serem partícipes, por meio do envolvimento e do afeto.

Referências

ANDRADE, Vera Lúcia; NASCIMENTO, Maí; MACEDO, Rafael Greca de. **O Parque Inglês: subsídios para a história do bairro do Bacacheri.** Boletim da Casa Romário Martins, ano VI, n.41, 1979.

BARATTO, Rômulo. Incêndio destrói casa de madeira mais emblemática de Curitiba. **ArchDaily**, 15 jun.2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/873730/incendio-destroi-casa-de-madeira-mais-emblematica-e-curitiba>. Acesso em: 20 jun. 2019.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CANTON, Kátia. **Espaço e lugar.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 Artes do fazer.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FENIANOS, Eduardo E. **Bacacheri/Tingui.** Curitiba: UniverCidade, 2000. Ofício nº 117/95 – de Promotoria de Proteção ao Meio Ambiente/Ministério Público do Paraná. Relatório do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC, 1995.

FERREIRA, José Ribeiro. **Labirinto e Minotauro: Mito de ontem e hoje.** Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo.** São Paulo: SESC, Annablume, 1997.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. Incêndio atinge a Casa Erbo Stenzel. **Prefeitura Municipal de Curitiba**, Curitiba, 14 jun.2017. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/incendio-atinge-a-casa-erbo-stenzel/42461>. Acesso em: 20 jun. 2019.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda., 1990.

Jornal Gazeta do Povo, Haus - Arquitetura, de 26/07/2017, disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/haus/arquitetura/passaram-um-tractor-sobre-a-historia-da-nossa-familia-desabafa-cida-stenzel/>. Acesso em: 20 jun. 2019

LANDOWSKI, Eric. Para uma semiótica sensível. **Educação & realidade**, v.30, n.2, p. 93-106, 2. sem. de 2005.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: ed. UNESP, 1998.

LISPECTOR, Clarice. A cidade sitiada. In: **O tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

LYRA, Cyro Corrêa; SOUZA, Alcídio Mafra de. (coords.) **Guia dos bens tombados, Paraná**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994.

MATOS, Olgária. **Vestígios**: escritos de filosofia e crítica social. São Paulo: Palas Athena, 1998.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História Revista de Estudos Pós-Graduados de História**. São Paulo. 1993, v.10 p.7-28. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>> Acesso em: 10. jun. 2019.

OLIVEIRA, Ana Claudia Mei Alves de. **Interação e sentido nas práticas de vida**. In: XXIII Encontro Anual da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal do Pará, 2014.16p.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

TEIXEIRA, Rosanny M. de Moraes. **Projeto Cidade**: sentidos da paisagem urbana local na formação de professores de Artes Visuais da FAP/UNESPAR. 2020. 345p. Orientadora: Sandra Regina Ramalho e Oliveira. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Programa de pós-graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000081/0000819b.pdf> Acesso em 10 fev. 2023.

Data submissão: 11/06/2023

Data de aceite: 12/10/2023

Data de publicação: 26/03/2024